

O Sardoão

Director e Proprietario
Domingos Sousa de Mello

Redacção e administração
Rua de S. Francisco, 11

BIBLIOTECA MUNICIPAL Typographia e officina de impressão
Typ. Minerva — FAMALICÃO

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez DE BARCELOS

FOLHA COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

Redactores: Riffenho, Pepino, Caetano, Fabião, Cagalhufas e Nabuco

Anno I

Barcellos, 15 de Abril de 1910

N.º 7

Alexandre Herculano

Quando se trata d'um personagem, tão illustre como querido e desejado ainda, tão grande e tão forte como os da antiga tempera, não podemos deixar de nos associar á grata homenagem que se lhe está fazendo por todo o paiz.

Foi Alexandre Herculano o mais amado poeta e romancista da alma popular que tem existido.

Apenas a sua intelligencia começou a despontar pelo cultivo que d'ella fez com os primeiros estudos nas aulas dos Congregados de S. Filippe Nery, e querendo ampliar mais os seus conhecimentos, frequentou o curso de diplomacia na torre do Tombo.

Mas, ao fundar a sua carreira litteraria, as suas ideias não lhe permittiam conquistar a amizade e protecção dos governos antes, pelo contrario, a inimizade e malquerença de todos esses magnates do absolutismo.

Herculano nascendo no principio do seculo XIX e sendo uma intelligencia cultivada, não podia de maneira alguma, seguir o velho regimen, mas sim as ideias liberaes de Voltaire Montesquieu, Rousseau, Dalmberg, Dideros e muitos outros propagandistas da revolução social que nos trouxe á frente, como diadema, a declaração dos direitos do homem e do cidadão.

Porém, essas ideias em Portugal postas em pratica, apenas seriam ephemerias, não porque o povo não as accitasse de bom grado, mas porque obsecados como estavam pelo padre pouco illustrado e de habitualmente visionario fizessem uma ideia muito diversa do que realmente era essa nova taba da lei d'um cidadão para com o seu proximo, e dos seus deveres para com o estado.

Herculano com outros, que como elle eram verdadeiros patriotas, depois d'uma revolução infructifera, tiveram de se espariar e resignar-se ao exilio que elles mesmo escolheram, apparecendo-nos, mais tarde, como bibliothecario da Bibliotheca do Porto e depois da d'Ajuda e Necessidades de Lisboa.

E', então, em 1836 que surge o jornalista, o romancista e o poeta, e onde se torna mais accentuado o seu genio energico que o caracteriza publicando opusculos onde mostra a grandiosa obra de fervoroso crente.

Herculano viveu juntamente com duas estrellas que com elle formaram a grande constellação do Romantismo; foram ellas representadas pelos nomes de Garrett e Castilho.

O primeiro, applicando-se mais á litteratura e fórma da linguagem que bem empregou nas Viagens da Minha Terra.

O segundo, mavioso poeta que personificou a inspiração artistica e litteraria; mas como quasi todas as constellações, esta tinha uma estrella que brilhava mais—era a de Herculano que as avantajou e as synthetizou.

A sua obra.—Escrevia com fervor e energia na polemica, e até era mesmo um pouco aspero, mas para bom fisionomista o semblante de Herculano mostrava logo o seu genio austero e industrial.

Uns chamaram-lhe o mestre da geração moderna, outros o primeiro his'oriador do seu seculo, mas eu, a quem fez a Historia de Portugal, e escreveu poesias como a Tempestade e livros como a Voz do Profeta, de onde tiro este bello periodo:

Tudo isto era bello e generoso; porque então os pequenos gemiam oppressos debaixo dos pés dos grandes, e ao homem justo incumbia fazer re-

soar na letra a voz da eterna justiça, o grito da liberdade.

Mas hoje que a plebe reina e como ampla voragem ameaça tragar a virtude, a liberdade, a justiça e todas as recordações santas do passado, para o homem de boa consciencia sê-lo-ha tambem o morrer.

Sê-lo-ha o bradar no meio das turbas, e derramar sobre ellas a condemnação, que Deus confiou em todos os seculos aos labios do innocente e virtuoso.

Sê-lo-ho chegar aos tribunaes populares, apontar-lhes para o ceu e apresentar a cabeça ao cutello dos lictores»

.....
quem livros como o Enrico o Presbytero, Harpa do Crente, Monge de Cister e tantos outros que fazem uma collecção, não deve ter apenas os nomes que acima apontei, mas sim um, que só, encha um livro inteiro.

Trezentos annos me deiam entre Camões e Herculano e durante esses tres seculos apenas houve essas duas individualidades; pois bem, se ha tres seculos era Camões uma litteratna inteira no dizer de d'alguns notaveis historiadores da litteratura universal, eu agora digo mais: Camões e Herculano definem uma nacionalidade que teve um passado altamente glorioso e chelo das maiores e mais extraordinaria heroicidade!

A mulher

Adoro a mulher, mas não a acredito.

A mulher é a concepção perfeita do Bello, porque materialisa o supremo ideal do homem.

A mulher, porém, reunindo todos os encantos, todas as graças e todos os enlevos, encarna a inconstancia e a frieza.

O homem é o eterno escravo do seu coração.

Ella, com os seus carinhos e

graças, suggestiona e prende; com o seu coração fere e mata.

Não quero, comtudo, dizer com isto, que não haja mulher capaz de amar muito e de sofrer immenso.

Porém, estas raras excepções, só servem para corroborar a regra geral.

A mulher não ama nem sente: finge e ludribria.

Eis, caros leitores d'O Sardoão, o que eu, a tal respeito penso e, em breves linhas, exponho.

Carta do Porto

Uma carta do Porto nunca se pôde fazer na accepção verdadeira da palavra. Escasseia assumpto; ha mil assumptos e nenhum que mereça as honras d'uma carta. O Porto é uma cidade morta. Falla-se, diverte-se muito e afinal não se diz nada de interesse. Para se saber o que ha-de dizer-se é preciso invental-o ou então phantasiar coisas. No emtanto um facto me feriu a attenção apesar de não ser coisa que possa interessar o publico.

Eis o caso: Encontrei hoje por accaso um rapaz meu amigo. Palestramos sobre diversas coisas e por fim diz-me com grande espanto: Não sabes, estive hoje a discutir politica com uma senhora! Ella lê a *Palavra* e discute pela bocca d'ella (Palavra). Fiquei assombrado e tranzido Uma senhora a discutir politica?

Uma senhora que naturalmente devia ser a paz do lar, aquella que devia ser completamente ignorante a respeito dessa esfinge ou camalcão social, envolver-se nesses problemas da tollice indigena?

Já viram maior paradoxo?

Ora supponham que amanhã a minha tollice me dava para casar. A minha esposa era um anjo mas a respeito de politica um demonio.

Um bello dia eu chegava a casa tarde, chelo de cansaço physico e moral.

A lucta peia vida, pelo pão de cada dia tinha-me exausto as forças e vinha pedir a minha esposa os seus carinhos e o nosso jantar e ella por resposta me dizia: Sabes filhinho estive todo o dia a lêr a *Palavra*, que coisa tão bem escripta aquillo é que são verdades! Traz lá um artigo de fundo soberbo do Conde de Samodães sobre os republicanos. Ora lê, lê e verás. E depois prégava-me uma Injecção de politica, a mim que vinha morto de fome.

E o jantar, lhe pergunto eu? Oh menino! a mim nem me deu vontade de comer ao ver coisas tão bem escriptas.

Ora ahi está o resultado d'uma senhora politica.

Porto, 9-4-910.

S. C.

«O Sardão»

Por motivos imprevistos, são o presente numero com atraso. Procuraremos, da melhor forma, rectificar essa falta, de maneira a não prejudicarmos os nossos presados assignantes.

Recordação e Saudade

Recorda-me com saudade Da minha infancia qu'rida, Tão cheia de amenidade Tão alegre, tão florida;

Mas, parte da mocidade, Essa outra quadra da vida, Lá mesmo na eternidade Jámais será esquecida.

Recorda-me com saudade De meu tempinho d'infante; Mas parte da mocidade,

O meu tempo d'estudante Causa-me maior saudade, Se me lembra um só instante.

M. P.

Theatro Gil Vicente

Realisaram-se, nos dias 27 e 28 do proximo passado, dois attrahentes espectaculos, promovidos pelo sympathico grupo de amadores barcellenses já bem conhecido, entre nós pelo seu excellente merito.

O desempenho do drama «Paço de Veiros» e da comedia, «Em casa da avó» agradaram muitissimo, confirmando mais uma vez a esmerada competencia dos distinctos interpretes.

O que houve a lamentar, porém, foi a diminuta concorrência por parte do publico, o que,

realmente, não era de esperar.

Prefere-se muitas vezes companhias ordinarias, áquillo que, incomparavelmente é superior.

O producto das duas recitas reverteu em beneficio da Liga Barcellense de Instrucção e Educação e do Collegio dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

Aves de Corno

Dizem-nos de Aldren, com data de 10 do corrente, que enormes bandos de *aves de corno* teem pairado sobre aquella região, destruindo por completo os nabos e as melancias, ponto principal de riquezas d'aquelles povos.

Perfis masculinos

VII

Este embora pequerrucho, Apenas na estatura, E apesar de ser *galucho*, Vae tambem deitar figura.

Muito *espertinho*, *ladino*, Sahe ao pae, todos conhecem, Tem um *ar* um *porte* fino, A que todos obedecem.

A's direitas militar, Cumpre á risca e com rigôr; Está no Porto a estudar, P'ra ser em breve major.

Frequenta a academia, Mas só estuda a picão. E já nos mandou um dia, Uma *carta* cá pr'o *Sardão*.

E' bom rapaz, bom amigo, E *chucha*, tempos a tempos, Uma coisa qu'eu não digo, P'ra não offender *talentos*.

Neto e mano de *Morgado*, Com primor e arte, canta, E' um *tenor* afamado, Cuja *modestia* encanta.

Doas amigas.

Mau sudario

Publicou-se ha dias, nesta villa, um pseudo-jornal, com a *divisa* plagio, de que é director o sr. Barbosa Torres.

Segundo nos dizem as Intelligentes creancinhas que fórman o corpo redactorial do tal papelucho, não passam d'uns nescios e analphabetos.

De formato um pouco maior que uma carta de jogar, o tal sudario, reedita meia duzia de phrases toscamente ligadas e desconnexas.

Muito atrevido é o ser ignorante!

Entre outros penosamente sublimes que, para honra do merito, deviam ser gravados em letras d'oiro, temos o seguinte:

Faltos d'intelligencia mas

cheios de boa vontade, havemos de seguir á risca o nosso designio.

Neste ponto, estamos perfeitamente de accordo com os *esperançosos* jornalistas.

Porém, como amigos, damos de conselho, a taes meninos que frequentem mais algum tempo a escola e depois, *escrevinhem* para entreter os outros.

O' Instrucção? estás lá ou és de gesso?

Gazetilha

Veem longe as eleições E já só d'isso se trata; Nesses centros de cavaco Os politicos de pataco Já discutem suas razões.

Progressistas e reimatas Accodem a todos os pontos; E abraçando os seus padrinhos Promettem-lhes uns *figuinhos* E carneiro com batatas.

Regeneradores e republicanos Já fazem mui propaganda, Gritando a todos os cantos, Implorando de todos os santos, Um milagre em poucos annos.

Esperem! que o Zé-Povinho, Elege seja quem fôr Contanto que elle promettam O logar de regedor, E sem emprego p'ro sobrinho!...

E' do dominio das mãs linguas

Que, brevemente, vae ser rifada a folhinha de namorados, orgão dos pedantes em geral.

—Que os seus redactores são dignos de serem archivados no museu d'O *Sardão*.

—Que o premio, dedicado á dama mais votada, no concurso de belleza, será o soneto «Ao Cavado» do nosso primoroso poeta Camões, da vizinha parvonía.

—Que o sr. Mira é um mirones que não mira nada.

—Que Zagaia, Mira e Manda são batrachios no estado *gyrma*.

—Que o Antas espirra sem rapé, por O *Sardão* entrar com elle de *pala*.

—Que o *Barcellos-Revista* vae em canudos para a Mandchuria.

—Que o sino da Camara, não torna a replicar em dias de grande gala, porque lhe raptaram a escada de caracol.

—Que o *Buiça* diz que não tem azas para voar para a terra.

—Que no Matadouro, se tem abatido vaccas velhas.

—Que é devido a isso que a carne é dura como *gaitas*.

—Que vae sahir brevemente mais um jornal.

—Que se chama O *Vergalho*.

—Que é um seu director o *Xixa*.

—Que em seguida sahira outro intitulado *A Justiça*.

—Que vae ficar tudo afogado em jornaes.

—Que ficamos por aqui até ao outro numero.

Grande i orribel crime assucedido na Billa de Varcellos no savado de alleluia quando Noço Sinhor resuscitava

Ha oito dias a fio Que choro perdidamente, Porque prenderam um judas Um judas qu'era innocente!

Num largo, cá da parvonía Foi o pobre *impendurado* Carregadinho de *vomvas*, Já prestes a ser queimado.

No entretanto dois *homcs*, Qual d'elles mais rufião, Levaram o judas preso Para a *Demelstração*

Foi logo p'rás *aprógnuntas* Mudo, triste, envergonhado, Agarrado fortemente Visto não ir algemado.

Diziam que se par'cia —Era o crime do monêlho— A um *doitor* *Jaquimsinho* Que não passa d'um fedêlho.

Defendeu-se, coitadinho, Como um *Zé Mudo* a fallar! Mas nem assim os *berdugos* Le *quizero* perdoar!

Foi approvada a sentença Contra o eterno traidor; Mandou-se que o queimassem Por entre gritos de dôr!

E visto não se par'cer Com o tal *doitor fedêlho* —Pois tinha *varvas* na cara— Disseram, par'cia nm velho.

E esse velho quem era? Era o tal da *Vertueja* Que todos os dias vae, De continhas, prá Igreja.

Vejam que comparação! Um judas velho, outro novo! Um *varvado* outro sem *varvas* Um já gallo outro no ovo!

Por isto dias a fio, Eu choro perdidamente: Prender um judas pelintra Um judas tão indecente!

Visita

Consta que no proximo dia 20 do corrente, visitará o nosso porto, pela primeira vez, o hyat imperial russo «Standart».

A' sua chegada, todos os navios de guerra surtos no Cavado darão as salvas do estyle correspondendo com

A Engeitada

(Fragmento de *A Louca*)

E' de noite; no céu não brilha a lua;
O vento passa, lá fóra, na rua,

Assobiando uma canção de morte,
E uma creança só, a quem a sorte

Farina deixou sem mãe, numa escura
Viella solitaria, murmurava

Uma supplica ao Deus Omnipotente!...

Pela janella do bordel sembrio
Vê-se passar um corpo magro, esguio

D'uma mulher que foi talvez já bella
E que já viu talvez do amor a estrella,

Que já teve talvez a côr da rosa.
Ail Mas agora magra, escrophulosa

Vêde-a passar... vêde-a passar;
Leva nas faces a côr do luar,

Leva nos olhos da miseria o pranto,
Leva nos hombros da desgraça o manto,

E leva no peito uma flôr já morta...
Cá fóra a soluçar, ao pé da porta,

A creança brada... a creança exclama:
«Como é triste!.. Sem pão, sem lar, sem cama!..»

Oh meu Deus! Porque não terei eu mãe?!
E o vento irado sibilava além,

Com um uivo sinistro, prolongado.
A creança a tremer... embaciado

O olhar, amarella como um cirio,
As pequeninas mãos da côr do lyrio

Levantou a chorar aos negros céus
E de joelhos disse: Deus! meu Deus!...

Oh! Soccorrei a pobre desherdada...
Mas, ai!... Que o vento não attende nada,

O vento é surdo ás preces da innocente,
E ameaçadora, inexoravelmente

F'roz, tigrino como uma maldição,
Prosta a creança exanime no chão.

Veiu o dia e a linda, a branca alvorada
Viu numa rua a morte desgrenhada

Dando num corpo frio, desmaiado,
Um beijo roxo, um beijo gangrenado!...

Ayres Torres

19 tiros o forte de S. Anas-tacio (Torres).

A' noite, haverá recepção diplomatica e illuminação a candelas de petroleo, na Chá-cara Paulista.

Uma charanga de 69 rãs executará, nos lagos da mesma, varias peças do seu es-colhido repertorio, entre ellas a marcha «Nixas».

A bordo, apenas serão re-cebidos os re-orters do *Bar-cellos Revista e Moderno*.

Achamos exquisito, no en-tanto *xão ordes*.

ipasulhe ofabôr dememãodar-dizzer cemlheisquirebe assuas carttar purque nãosão iguas umas dasoutras.

descurpe seu nãoter mãodado offular purque nãotanhutido bag-gar masqumu ista abeira de êles mãodumuspraca que entãobe-mus azeito qumassi.

miuto estlimmo assuas lettrras bennutadas puorquelhetenhu munto ammóre aêlas purzêr da menina duccurazon dezagu mun-ta çau de ipaselidade mãodume-dezzer semffaltaninhoma pulo-currelu pra asnessizidades u nnôme do currazou ssoucem-çabbes sseu ammôre.

Varessallus—Nessessidades

A. A. da C. J.

Anecdotas authenticas

O nosso homem da visinha parvonla, o celebre e conhecido *savant linguista*, tendo ido em *serviço* a uma aldeia do concelho, na vinda, disse a uns amigos:

—Oh rapazes!... sempre lá bibi um vinho branco cousa mais purinha... Posso-lhes afiançar que não tinha ponta de baga!

Um fidalgote cá da terra en-trando na recebedoria:

—Oh! snr. Recebedor, faz-me o obsequio de me tirar a sumptuarla do solar do papa?...

Um negociante da nossa pra-ça ao conferir uma conta com um calxeiro cobrancista:

—Vinte, sessenta, setenta, oitenta e quinze, noventa e cin-co mil réls.

—Faltam ainda 57000 réls,
—allegou o calxeiro.

—Então o sr. não se lembra, que lhe entreguel por uma vez dois mil e quinhentos e por ou-tra cinco corôas...

Variedades

Para tirar nodoas de tintas d'oleo

Essencia de terebintina. 5 partes
Benzina... .. 6 partes
Esfrega-se a nodoa com um panno de linho, imbebido neste liquido.

Apenas a nodoa desapparece, lava se com sabão e em segui-da passa-se por agua limpa e secca-se.

Para as nodoas de ferro no algodão, é bom applicar summo de limão e sal.

Importante melhoramento

O grande patriota e séraphico sr. Valle, sempre com a boa vontade de *engrandecer* a nossa formosa Villa, mandou, *p'ran-tar*, umas aneladas barbas ao Christo que está na Pedra do Couto.

—Ora assim senhor! Ah! está uma medida anti-hygenica, se-gundo a medicina moderna. Mas assim fica elle incomparavel-mente mais bonito, devendo agradar muitissimo aos *flaus-treiros* que venham assistir ás nossas encantadoras festas de Cruzes.

Consta-nos que ficará encar-regado de tratá-las o nosso re-chonchudinho amigo e *coiffeur* sr. Bazilio.

Consta-nos tambem, que te-rão o formato *Guize*.

E' este, sem duvida, um me-lhoramento de valia, que ha-de levar o sr. Valle á posteridade, cercado por uma aureola de gloria e muitos anjinhos.

Pelo telephone

Dizem-nos, que o motivo pelo qual as gigantas não sahiram no domingo de Pas-choa, foi unica e exclusiva-mente devido a naquelle dia o sr. Antonio Matta, não lhes ter arranjado o calçado como lhes havia promettido.

Soalheiro Amoroso

Recebemos, por mão propria, uma interessante carta amorosa, á qual damos publicidade, para os nossos assignantes aprecia-rem pois é o que ha de mais sublime no genero.

Ilma Sra

dezigaba muitafesslidade aur-resebêre assua prefelta car ta catinha nupeçamento queme mão dabapolucurrelo a çua cartta

Secção scientifica

A luz fria

Se alguns espiritos pessimistas recusam ao seculo passado o nome de seculo das luzes, nenhum pôde negar, com fundamento, que vivemos no seculo da luz, porque os esforços d'um sem numero de inventores tendem todos os dias a dar-nos fôcos luminosos, cada vez mais fortes, que chegam a tomar proporções assombrosas.

O gaz, a electricidade, a incandescencia e hoje a acetylene, teem feito immensos progressos na illuminação; mas a humanidade é insaciavel. Nosapparelhos conhecidos, uma grande parte da energia empregada, talvez mesmo 95 %, perde-se inutilmente. Ficam 5 % gastos com vantagem. Que enorme despeza isto exige e que mal aproveitada ella é!! O ideal seria combinar as coisas de modo a obter uma luz fria, ou quasi fria, na qual a maior parte da energia despendida, senão toda (a perfeição não pertence a este mundo) fôsse utilizada em produzir irradiações visíveis. N'uma palavra, seria preciso inverter os termos da proporção actual: 95 % em irradiações luminosas e deixar apenas 5 % em irradiações obscuras. Os tubos de Geisseler, verdadeiros pyrilampos, resolveu quasi satisfatoriamente o problema, mas até hoje só teem dado uma luz muito fraca. Todavia um americano Marc-Ferlan Moore, descobriu que podia melhorar o seu poder illuminante sem augmentar sensivelmente despeza.

Sabe-se que, para atravessar o espaço vazio que separa os electrodos no tubo de Geisseler, a energia electrica deve ahi chegar com um potencial muito elevado, que se obtem pelas interrupções d'uma bobina de Rubinkorif.

Mas essas interrupções não poderiam ser indefinidamente multiplicadas nas bobinas usuas, por causa da energia das peças do interruptor, que são obrigadas a um movimento bastante extenso e tambem porque a fiasca que se produz a cada ruptura, representando uma pequena porção de ar quente, e conductora e faz com que essas rupturas sejam retardadas. M. Moore teve a idéa de produzir as rupturas da corrente no vacuo, o que as torna mais rapidas, por isso que não se dão fiascas conductoras; além de que, esta ausencia de fiascas permite reduzir a marcha do interruptor ao mínimo, e porque a interrupção se produz

desde que não ha o contacto metallico dos seus orgãos, o que é evidentemente uma excelente condição para multiplicar as oscillações. Este americano adoptou um interruptor rotativo, trabalhando sempre no vacuo, e com o qual chega a elevar a 60:000 o numero das interrupções por minuto. Uma tal multiplicação produz um augmento consideravel de força na bobina. A disposição adoptada é das mais simples. Todo o mecanismo do interruptor está mettido n'um tubo sem ar. O movimento é dado por um anel de Gramme que recebe a electricidade d'uma estação central e que opera n'elle atravez da parede de vidro. Os fios atravessam a ambula ligando o interruptor ás bobinas. Sob esta poderosa influencia, os tubos vazios d'ar illuminam brilhantemente, a ponto que a sua luz já serviu para obter photographias instantaneas, emittindo um calor inapreciavel. Os diferentes graus do vacuo nos tubos, a natureza dos residuos do gaz que ahi fica, permitem obter, como nos tubos de Geisseler, luzes de diversas côres, o que é muito apreciavel para os effeitos decorativos e tambem para a vista d'aquelles que empreguem este modo de illuminação, podendo cada um escolher a côr que mais convem aos olhos. M. Mac-Ferlan Moore mandou construir, na exposição de electricidade de New-York, uma capella, em que os tubos illuminantes seguiam todos os contornos architetonicos; esses tubos são de 5 centímetros de diametro por 2,50 de comprimento. Dizem que a luz é perfeita, muito intensa e d'uma grande suavidade. E' o primeiro passo na producção da luz fria, e assegura-se que ella se obtem em condições muito economicas

Neres.

Um incendiario ao piano. Emquanto a mobilia lhe ardia elle tocava á luz das chamas uma marcha funebre

Na semana passada os moradores d'um predio da rua Poissonniere, em Paris, viram de repente encher-se-lhes de fumo os seus aposentos.

Assustados fugiram e foram prevenir os bombeiros.

Estes subiram ao predio e perceberam que o fogo tinha começado n'um aposento

do quarto andar, occupado por Edouard Lmillier, e, como se dissesse que elle tinha ficado no quarto, os bombeiros arrombaram a porta julgando encontral-o já morto.

Qual não foi porem o seu espanto, ao penetrarem no quarto, por ouvirem os doces e melodosos accordes d'uma *Marcha funebre* de Chopin que elle estava tocando ao piano enquanto em volta d'elle as chamas tinham já destruido toda a mobilia, respeitando sómente o piano!

A muito custo os bombeiros poderam livral-o do perigo, porque Edouard oppunha-lhes uma resistencia encarniçada.

Mais tarde soube-se a explicação do caso. O desgraçado tinha soffrido grandes desgostos e ainda ha pouco tinha perdido dois irmãos que elle estimava muito. Ha dias já que apresentava signaes de desarranjo cerebral.

Atacado subitamente d'um acesso de loucura furiosa deitou fogo á mobilia e depois acompanhado pelo lugubre crepitar do incendio pôz-se a executar o trecho celebre de Chopin esperando a morte.

Levado á presença do commissario o pobre louco explicou friamente que tinha derramado petroleo em todos os moveis e que os tinha incendiado. O magistrado ia a manda-lo para a cadeia pensando que elle estava em seu juizo, mas elle tendo um novo ataque desatou ás gargalhadas e apoderando-se dos objectos que tinha á mão atirou com elles á cabeça do commissario. Foram precisos quatro vigorosos guardas para o conduzir ao hospital.

Fábulas e pólogos

Os tres amigos

Não devemos acreditar de dedicação dos amigos antes na os experimentar, porque teremos sempre mais amigos em volta da mesa do que á porta da prisão.

Um homem tinha 3 amigos; de dois gostava muito e o terceiro era-lhe quasi indifferente apesar d'este lhe ser muito dedicado.

Um dia foi accusado por um crime que não commetteu e

perguntou aos amigos qual d'elles prestava a servir-lhe de testemunha de defeza. O primeiro desculpou-se logo dizendo-lhe que tinha muito que fazer. O segundo ainda o acompanhou até á porta do tribunal, mas voltou logo para traz para se não indispôr com o accusador. O terceiro, que era aquelle com quem elle menos contava, foi o unico que o foi defender e testemunhou a sua innocencia com tanta convicção que elle sahio absolvido.

O homem tem tres amigos neste mundo. Como se portam elles á hora da morte, quando Deus o chama ao seu tribunal? O *dinheiro*, seu amigo querido, deixa-o logo e não vae com elle. Os seus *parentes e amigos* seguem-n'o até ás portas do tumulo e voltam para suas casas. O terceiro, aquelle com quem menos se inquietou durante a vida, são as suas *boas acções*; são as unicas que o acompanham ao throno do julgador. Precedem-n'o, fallam a seu favor e obtem-lhe a absolvição.

O Sardão

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL

Assignaturas:

(Pagamento adiantado)

Série de 6 numeros (trimestre)	180
Série de 12 numeros (semestre)	360
Série de 24 numeros (anno)	720
Numero avulso	40

Crearemos nesta folha, se a isso fôrmos obrigados, uma secção especial intitulada *Gaiola dos Jaqueiros*, destinada a publicar os nomes e moradas dos individuos que se negarem a pagar a importancia da assignatura d'*O Sardão*.

Fica, d'este modo, feito o respectivo aviso. . .

A todas as pessoas que receberem os 1.^{os} numeros d'este jornal e devolverem os subsequentes, será cobrada a importancia dos numeros recebidos. Esta importancia será de 40 rs. por cada jornal, preço estipulado venda avulsa.

Toda a correspondencia relativa a esta folha, deve ser dirigida á redacção d'*O Sardão*—Barcellos.